

TERRA UNA  VERÃO 2019



Liberdade, MG
2019

ARTE E MAGIA
residência artística

| DESIGN

Jessica Kloosterman

| FOTOGRAFIA

Jéssica Guia

Thiago Caetano



Buscando integrar moradia, trabalho, educação e lazer, a Ecovila vem se consolidando como um centro educacional transdisciplinar de integração rural-urbana, onde podemos praticar as técnicas e valores que permeiam nossa visão, difundindo assim um modelo de vida mais sustentável.

Organização: Nadam Guerra e Paula Borghi

GRUPO UM - TERRA UNA

TERRA UNA  VERÃO • 2019

Copyright © 2019, Terra Una

Organização editoria: Nadam Guerra e Paula Borghi

Design gráfico: Jessica Kloosterman

Imagem da capa: Jessica Kloosterman

Textos e imagens: Nadam Guerra, Paula Borghi, Arielle, Alice Ferraro, Carine Caz Anderson Barreto, Estela Magalhães, Fernanda Lenzi, Janaina Morais, Jéssica Guia Jessica Kloosterman, Juliette Placco, Mari Mugnaini, Priscilla Menezes, Taís Baía Duda las Casas, Thiago Caetano, Jaya Pravaz e Maína Mello.

Revisão de texto: Tânia Belarmino

Finalização e produção gráfica: Jessica Kloosterman

Edição: Grupo UM Realização: Terra UNA

www.grupoum.art.br www.terrauna.com.br

Organização de Guerra, Nadam (José Carlos Guerra Damasceno) e Borghi, Paula

Arte e magia: residência artística Terra Una verão 2019

Rio de Janeiro : Grupo UM, 2019.

isbn 978-85-67331-09-6

1. Arte – Brasil 2. Arte contemporânea 3. Artes visuais

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Arte contemporânea : Artes visuais

CDD 700



ARTE E MAGIA

residência artística

Liberdade, MG

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA TERRA UNA

Arte e Magia 2019

| COORDENAÇÃO

Nadam Guerra

| CURADORA CONVIDADA

Paula Borghi

| ARTISTAS PARTICIPANTES

Arielle

Alice Ferraro

Alice Ferraro e Carine Caz

Carine Caz

Anderson Barreto

Estela Magalhães

Fernanda Lenzi

Janaina Morais

Jéssica Guia

Jessica Kloosterman

Juliette Placco

Rever

Priscilla Menezes

Taís Baía

Thiago Caetano

Duda las Casas

| OFICINAS

Jaya Pravaz

Maíana Mello

Nadam Guerra

| APRESENTAÇÃO

Arte e Magia Nadam Guerra

O Encontro da Bruxa com a Cobra Paula Borghi

Oneiros Arielle | Montreal

Tatuagem Ritualística Alice Ferraro | RJ

Estéril Alice Ferraro e Carine Caz | RJ

Engesso Alice Ferraro e Carine Caz | RJ

Forte Carine Caz | RJ

Ossain 1, Ossain 2 e Ossain 3 Anderson Barreto | RJ

Rito do Chá Contemporâneo Estela Magalhães | SP

Vênus Singular Fernanda Lenzi | Terra Una

Batismo de Sangue Janaina Morais | JF

A Quebra de Narciso Jéssica Guia | RJ

Xixi Coletivo Jessica Kloosterman | RJ

Cuidando do Ovopeito Juliette Placco | Londres

Rever Rever | SP

Montanha Priscilla Menezes | RJ

A Mata é o Desconhecido em Mim Taís Baía | RJ

Diretrizes do Corpo Thiago Caetano | RJ

Aranha Duda las Casas | RJ

Processo Vida Arte Jaya Pravaz

Astral Magia da Arte Maíana Mello

Oráculo Experimental Nadam Guerra

Arte e Magia ¹

Por um lado, estas duas palavras são quase opostas.

A arte como conhecemos hoje é uma crença no valor transcendente de certos objetos ou acontecimentos realizados por pessoas especiais, os artistas. Esta ideia se inicia no dito “renascimento”. Mas o que renascia? Era o período que inaugurava a era moderna, descrito como Era das Luzes, era a época das caças às bruxas, da Inquisição e da Contrarreforma conservadora na Igreja Católica. Éra o início do Capitalismo e da ascensão da burguesia. O que renascia era o poder opressor na Europa em uma nova roupagem. Depois de um vislumbre multicultural e multirreligioso que se difundia pelo continente com a decadência do feudalismo, as classes dominantes se reorganizavam para manter a estrutura social. A base da arte assim como o da cultura ocidental é o valor transcendente². Seja ele Deus, o mundo das ideias platônicas, o gênio, ou mesmo o inconsciente, o princípio é colocado fora, além do corpo, além da forma, além da experiência consciente.

Arte é uma expressão deste poder.

E a magia? Para além dos meandros da história europeia, a melhor definição de mago é a de xamã. A palavra "xamã" deriva do tungue, idioma da Sibéria. Este termo, no seu sentido ampliado, é usado para todas as culturas mágicas do mundo. Com uma análise comparativa de uma grande quantidade de tribos, o xamanismo³ é um recurso interpretativo que passa além das singularidades dos povos para ver uma característica fundamental: a capacidade do xamã de controlar tecnicamente o êxtase. Entender o sonho, manipular o real através do simbólico, comunicar com outros planos de consciência, diluir personalidades, encontrar a fonte.

¹ Adaptado de trechos da tese de Doutorado de Nadam Guerra.

² Que transcende a natureza física das coisas; metafísico.

³ O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase, Mircea Eliade.

⁴ Que está inseparavelmente contido na natureza de um ser ou de um objeto.

⁵ A serpente cósmica, Jeremy Narby.

O xamanismo e a magia pressupõem um mundo imanente⁴ onde há uma continuidade entre o material e o imaterial. A fonte da sabedoria é a experiência física e corporal. As coisas, imagens e formas são elas mesmas sagradas e o sentido pode ser acessado por analogias. É possível perceber a semelhança das formas para entender sua linguagem. “A natureza fala por sinais e o segredo está em perceber as semelhanças no plano da forma para compreender sua linguagem.”⁵

A magia é a expressão deste poder.

Mas e se for possível fundir arte e magia?

E se for possível fundir o valor transcendental da criatividade como o valor imanente do êxtase?! E se for possível fundir o desejo de ver além com a percepção que já somos o infinito?! Será possível ver que arte e magia são sinônimos. São a capacidade humana de reinventar o mundo. Corpos, objetos, sons, símbolos, movimentos, sonhos, palavras, histórias. A capacidade de reinventar a vida.

Então, será possível viver uma vida mágica.

Aqui e agora.

Vivemos as tensões de salvar o mundo e conhecer a si mesmo, acreditar no invisível e trabalhar na concretude da terra e ainda ter tempo de ser feliz. Foi assim a primeira temporada da Residência Coletiva Arte e Magia em Terra UNA. Além da convivência comunitária da Ecovila e do embate com o mundo natural da mata, dos rios e da terra, essa temporada teve o gosto especial da arte-magia, êxtase-criativo, desejo-percepção.

E foi tão mágico! E foi tão arte!

Foi tão intenso que já estamos preparando a próxima!

| Nadam Guerra

Nadam Guerra é artista mago. sempre esteve engajado em projetos multidisciplinares mirabolantes. Criador do Grupo UM, um coletivo-manifesto pelo fim das fronteiras das artes, que organizou esculturas imateriais, humanogravuras e chanchadas conceituais. Desde 2008, mantém o Materializador de Sonhos, projeto relacional onírico que resulta em escultura e oráculo. Atualmente, desenvolve a religião futurista pós-apocalíptica dos 12 filhos da Virgem do Alto do Moura. Coordena a Residência Artística na Ecovila Terra UNA inventando um lugar onde o homem e a natureza feliz vivam sempre em comunhão.

O Encontro da Bruxa com a Cobra

Alguns dizem que recebemos um chamado; uma carta como aquela do Harry Potter ou uma intimação cósmica. Fato é que os encontros não se dão por acaso, sempre há de existir uma explicação, mesmo quando inefável. E de alguma maneira ou de outra, foi assim que tudo começou.

Estávamos em um grupo predominantemente de mulheres, onde os poucos homens que participavam também eram femininos. A energia da Kundalini havia sido despertada e ela menstruava. A serpente vibrava em nossos corpos, cruzava nossos caminhos terrestres e oníricos. Éramos corpos a trocar de pele. Cobra, coração e coral.

Para abrir as atividades, Jaya Pravaz nos guiou em uma imersão com práticas do ThetaHealing. Conhecemos nossas parceiras de Residência ao mesmo tempo em que conhecíamos mais profundamente a nós mesmas. Teve choro, risada, cabelo cortado, abraço, dança, teatro, desenho, raiva, grito, alegria, medo e um monte de coisa que tem tudo a ver com ter. Despidas, muitas vezes, literalmente, tivemos nossos corpos aquecidos e mentes aceleradas para a Residência Arte e Magia.

Celebramos essa passagem com uma fogueira de dois metros de altura, que queimava a céu aberto de estrelas. Ela não era especificamente para a Residência, pois foi acesa em comemoração ao fim do Estágio Gaia, que acontecia em paralelo. Mas já viu fogueira queimar sem que seja para as bruxas? Aquilo ardeu em todas nós, na nossa ancestralidade e nos desejos que projetaríamos para os próximos dias. O fogo nos lembrava que independente do tamanho da chama, sempre voltaremos para a vida. Uma queventura ardia em nossos corpos e almas.

Deixamos o calor se transformar em rituais, performances e tudo aquilo que flutua entre a arte e a magia. Houve consagração do tambor, pintura corporal, cerimônia do chá, limpeza da terra, banho de argila, busca da visão, leitura da borra do café, desenrolar dos fios, decodificação de sonhos, sauna sagrada, cura com cristais, ovopeito, xixi coletivo, fotografia na mata, eclipse lunar, criação de talismã, funkeira xamanica, comunicação telepática, desenho de premonição, contação de mistério, homem planta, desbloqueios psicomágicos e outros acontecimentos que só o vento pode soprar.

Além disso, tivemos oficina de tarô com Nadam Guerra, oficina de astrologia com Maína Mello e leitura e discussão do livro “O Calibã e a Bruxa”, de Silvia Federici. Quando não estávamos em atividade em grupo, estávamos em atividade com nossos turbilhões de pensamentos. Não havia espaço para a solidão e ócio. E mesmo que os quiséssemos, seria impossível.

No meio da Residência, existia também a vida em comunidade. Haviam xs voluntárixs, xs oficineirxs, xs convidadxs, xs terraunesnes e xs amigxs dxs terraunesnes. Nossas refeições eram para, no mínimo, 30 pessoas, podendo chegar facilmente até 70. Fartura de comida, de gente, de palavra, de sentimento e de vida. Era tudo muito junto e misturado. Foram tantas as intensidades que um ano se passou na forma de 28 dias.

Esse catálogo busca compartilhar e registrar um pouco do que vivemos e construímos em Terra Una. Entretanto, nem com bruxaria da mais braba caberia toda a experiência em um só livro.

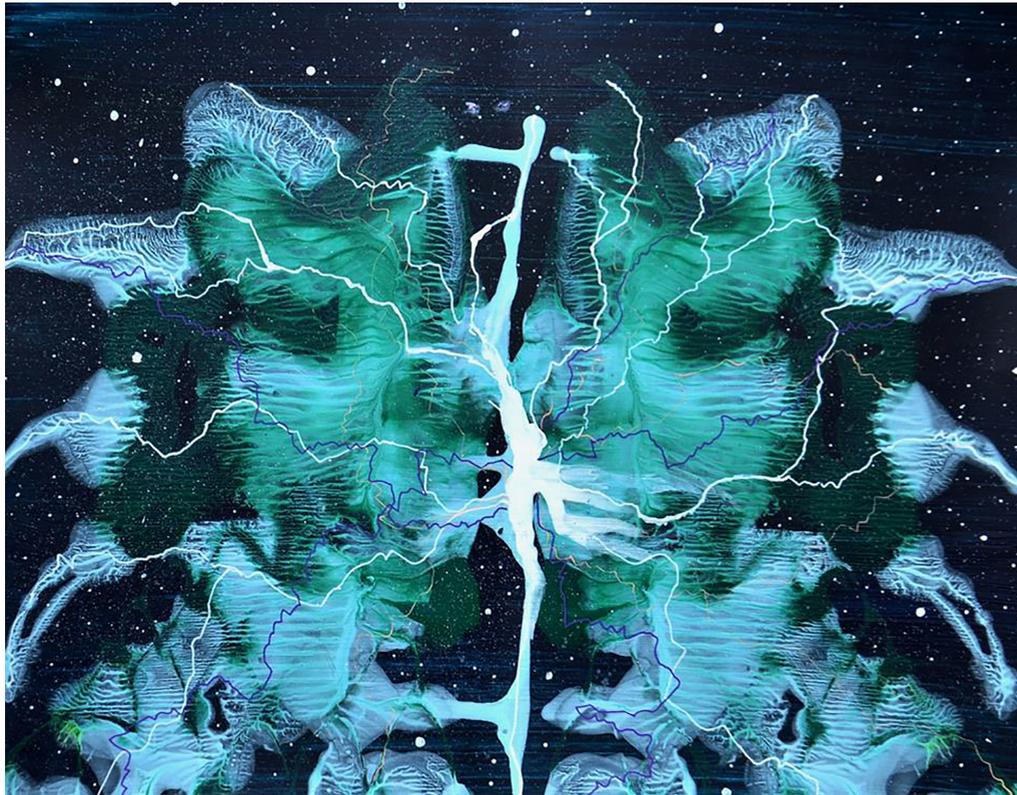
A magia tem disso, acontece no ar.

| Paula Borghi

Paula Borghi é mestranda em História da Arte pela UFRJ e bacharel em Artes Visuais pela FAAP. Foi curadora adjunta da 11ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, 2018), curadora convidada do Centro Cultural Hellerau no Projeto Brasil (Dresden, Alemanha, 2016), assistente curatorial de Ibis Habascal na 12ª Bienal de La Havana (Cuba, 2015) e curadora da Residência Artística do Red Bull Station (São Paulo, 2013-2015). Foi coidealizadora do espaço independente Saracura (Rio de Janeiro, 2016-2018) e idealizadora da biblioteca itinerante de livros de artistas latinos Projecto MULTIPLO (2011-2017), premiado pelo Rumos Itaú Cultural em 2015 e 2016. Nos anos de 2015 e 2016 trabalhou com o Instituto Goethe no projeto Jogos do Sul, que teve como objeto de pesquisa os Jogos Mundiais Indígenas, Palmas. Em 2019, convidada como curadora da Residência Arte e Magia em Terra Una.

Arielle é uma artista multidisciplinar, vive em Montreal. Depois de concluir o bacharelado em História da Arte pela Université de Montréal, se dedica inteiramente à criação, explorando vários meios, como pintura, fotografia e instalações imersivas. Inspira-se no mundo dos sonhos e na visão do universo mítico.

| Arielle



Oneiros

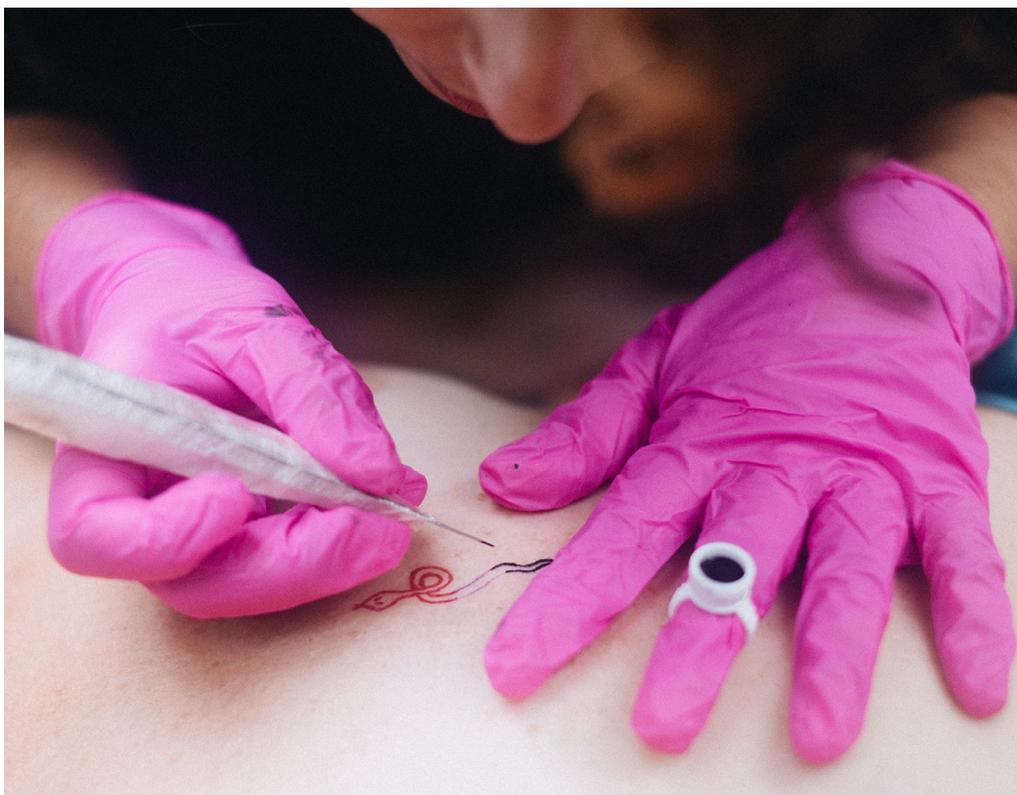
Terra Una é um lugar mágico para se reconectar com a natureza e com o nosso Eu Superior, é um lugar onde compartilhar é o presente mais precioso que podemos dar e receber. A natureza luxuosa está por toda parte para lembrar-nos de onde viemos, permitindo-nos explorar a intuição e fazer contato com nossos instintos. Deixe-se levar, seja livre e veja quanta luz preencherá automaticamente sua vida e iluminará seu caminho. Isto é o que eu aprendi durante a estadia em Terra Una. Voltei desse lugar maravilhoso e comecei a criar uma nova série de obras de arte chamada: ONEIROS.

ONEIROS é uma exposição inspirada na residência artística, um universo imersivo entrelaçando trabalhos sobre tela, esculturas, som e instalações de luz. O universo é desvelado em três estágios, ONEIROS é uma visão cósmica que revela pistas desse conteúdo, explosões de cores que parecem se tornar vivas diante de nossos olhos. A série de trabalhos visa representar uma natureza selvagem e espacial, semelhante ao sublime, em algum lugar entre o medo e o fascínio.

Representado como um universo sereno e calmo, esta natureza mítica parece encantada pela sua beleza noturna aterradora. Ao mesmo tempo vago e definido, transmite uma certa ansiedade aos espectadores que são confrontados com ele. Mergulhando mais profundamente neste universo, descobrimos as silhuetas daqueles que o habitam: personagens vagando, perdidos e solitários que evoluem neste ambiente misterioso. Uma produção ao mesmo tempo escura em que a luz prevalece, testemunha de beleza e esperança encontrada na escuridão. É, portanto, a entrada em um estado de sonho onde reina a celebração da interconexão entre a humanidade e o universo.

Alice Ferraro é artista visual, tatuadora, pesquisadora e graduanda em Artes Visuais pela EBA/UFRJ. Sua pesquisa envolve questionamentos sobre o corpo, focando em suas memórias e vivências em um corpo feminino. Cofundadora do projeto artístico Mina Preciosa.

| Alice Ferraro



Tatuagem sem máquina, ponto a ponto. Utilizando uma ponta de cristal quartzo laser como apoio para a agulha, com potência de energização e cura.

Tatuagem Ritualística

Um processo mais lento e artesanal. Tatuar no meio da mata traz uma potência ainda maior por estar imersa na natureza. Cada tatuagem feita em Terra Una tem um significado ligado a cada pele e corpo receptivo e com o espaço em que foi realizado.

| Alice Ferraro e Carine Caz

Terra fértil. Terra estéril.

Lingeries brancas mascaradas seduzindo as testemunhas no asseio da sala verde.

Estéril

O corpo da mulher esterilizado, imposto ao encaixe nas caixas culturais da sociedade patriarcal. A cada varrida, cada pinçada das pequenas plantas enraizadas, sente-se a dor e a raiva desse ato que também somos coagidas a fazer com nós mesmas. Depilação total da vegetação refletindo sobre a violência que sofremos no cotidiano.

A performance “Estéril” é realizada por duas mulheres vestidas com lingerie branca, máscaras de plástico maquiadas sobre seus rostos e duas vassouras. A ação da performance consiste em varrer as folhas secas e brotos no solo da floresta até restar apenas terra batida.



Em estado de gesso.

Engessadas.

Mulheres mascaradas acobertando seus corpos.

Constrangimento.

Padrões que não se enquadram, corpos que se perdem de si.

Esconder do outro e de si própria.

Engesso

A fotografia “Engesso” retrata a relação de mulheres com seus corpos e com corpos de outras mulheres. O pudor construído por uma sociedade que desfruta do poder de inibir mulheres sobre o conhecimento de seus corpos. As máscaras usadas pelas artistas simbolizam esta manipulação, maquiadas para serem padronizadas e desfrutadas por uma construção sociopatriarcal. O ambiente na floresta entra em contraste com essas máscaras industrializadas que tentam impor uma naturalidade de um padrão de beleza que não é real.



Carine Caz é artista-pesquisadora e graduanda em Artes Visuais pela EBA/UFRJ. Em seus trabalhos, investiga a descolonização do corpo feminino, relacionando mulher e território na fronteira entre o espaço público e privado. Cofundadora do projeto artístico Mina Preciosa.

| Carine Caz



**Sentada
olhos fixos à frente
procuro uma coisa que não está lá
uma cadeira vazia, alvoroço de sentimentos
construo um muro
me bloqueio de mim e do outro
me fecho
me dói
me cego
me enrolo
me deságuo até abrir os olhos
então me ergo
desconstruo com afeto o muro e volto a
sentar no mesmo local sob uma
nova percepção.**

Forte

É uma performance. No ambiente há duas cadeiras viradas de frente uma para outra, a artista senta-se em uma das cadeiras, enquanto a outra se mantém vazia. Com os olhos semicerrados levanta-se e começa a construir um muro de tijolos entre as duas cadeiras. Ao término do muro, volta para o mesmo acento, encara o muro e levanta-se para desfazê-lo. Trata-se de uma ação que materializa afetos e simbolicamente trabalha emoções pessoais da artista.

Anderson Barreto é ator, contador de histórias e artista educador. Formou-se em Arte Dramática na Escola de Teatro Martins Penna e em Letras na UNESA. É pós-graduado pela UFF, com especialização em Literatura Infantojuvenil.

| Anderson Barreto



A Terra está doente
Não souberam cultivá-la
Criaram um sistema de exploração do solo
especializado em um padrão
Unicultura
Monocultura
Cultivo branco, cis, heterossexual...
Em todas as áreas de produção
Em todas as áreas de produção
A arte contemporânea é branca
As residências artísticas são brancas,
Eu sou preto!
Aqui, talvez, o único
Talvez eu morra nesse solo-arte desgastado
Ou aprenda com as folhas como captar a luz
fazer a terra respirar
e me tornar nutriente.

“Sem folha não há cura.
Sem folha não há orixá.”

Ossain¹ Colher 7 ervas de cura e pesquisar seus significados e propriedades. Convidar as pessoas para uma coleta de folhas diversas. Narrar a história de Ossain, orixá da folha, responsável pelas ervas medicinais e litúrgicas na cultura lorubá. Escolher 7 pessoas para receber as ervas. Conectar com a essência das pessoas e dizer palavras de cura. Cada erva tem sua mensagem, cada erva é um oráculo.

Ossain² Convidar as pessoas para vestir-me das folhas encontradas na floresta. Mimetizar. Conectar com a energia de Ossain. Ser folha.

Ossain³ Convidar a artista Alice Ferraro para tatuar uma folha no meu braço. Sangrar. Doar o sangue para a terra.

Sou mais que um parágrafo editável com número de caracteres limitados. Artista de nascimento iniciei meu processo com a escrita, colagem e desenho. Cursei Publicidade, trabalhei em produtora de vídeo, editora e me aventurei pelo mundo empresarial em um banco.

“Cada encontro é único e valioso”

| Estela Magalhães



Rito do Chá Contemporâneo

Com esse princípio da tradicional Cerimônia do Chá Japonês, o “Rito do Chá Contemporâneo” abre um espaço seguro e sagrado para estar no momento presente e desfrutar o que acontece neste lugar. Todos os participantes são recebidos com boas vindas e convidados a escrever em uma pedra de argila algo que não querem mais em suas vidas. Depois, a anfitriã serve um chá quente preparado especialmente para a ocasião. Enquanto os participantes tomam o chá, as pedras são jogadas no rio, e pouco a pouco, vão se desfazendo. O rito preserva os princípios tradicionais da cerimônia japonesa:

Harmonia (WA)

a compreensão silenciosa do efêmero de todas as coisas imutáveis.

Respeito (KEI)

compreender e aceitar os outros.

Pureza (SEI)

estar com o coração puro e aberto para sentir paz.

Tranquilidade (JAKU)

com o coração puro, podemos experimentar o silêncio.

O primeiro rito teve um desfecho orgânico, onde os convidados, depois de tomarem o chá, se sentiram acolhidos e confortáveis para um encontro harmônico e um diálogo produtivo.

Fernanda Lenzi é artista visual, educadora e ceramista. Graduada em Artes Visuais/UFRGS, investiga arte, comunidade e ecologia. Tem a terra e o barro como núcleos poéticos e elementos de criação. Atualmente trabalha como arte educadora na Ecovila Terra Una.

| Fernanda Lenzi



Encontro

Terra que tem o ocre vermelho

Mulheres que tem o sangue vermelho

27 esculturas formam um panteão de Deusas

Consagradas na materialidade do barro,

queimadas no fogo feito bruxas

E eternizadas na mitologia inventada

em cada gesto escultórico

Ou, simplesmente, a terra

Que ela em si é o corpo da Deusa

Vênus Singular

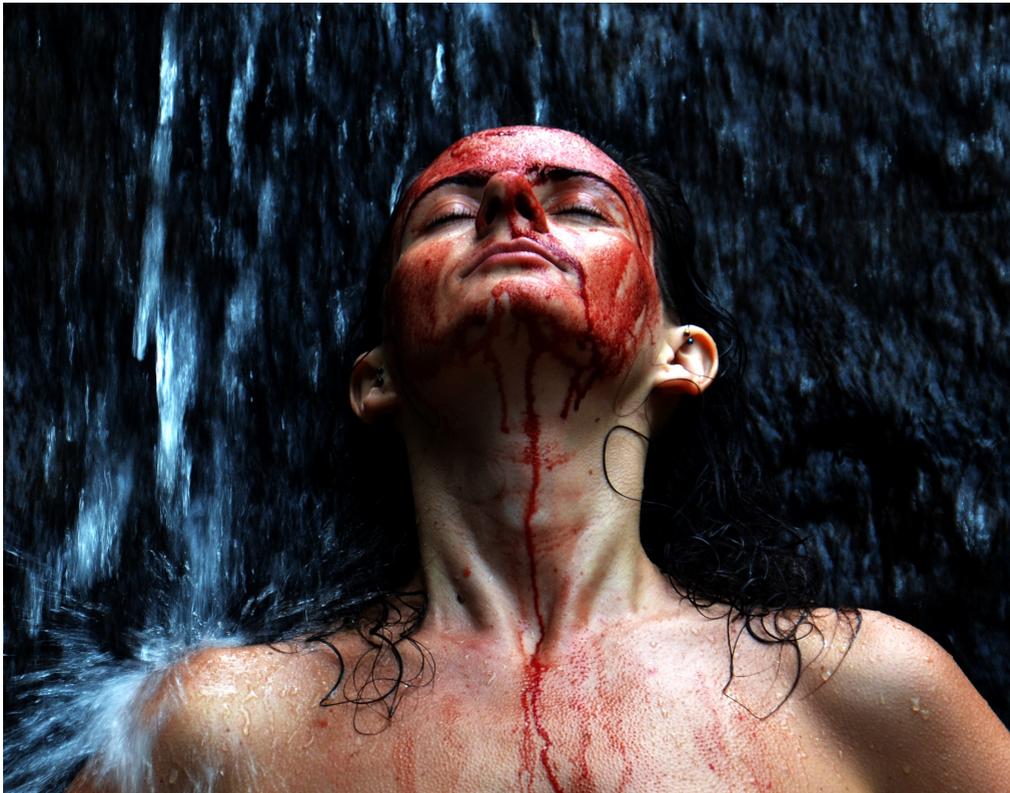
Esta escultura é resultado de um encontro criativo no atelier de cerâmica de Terra Una já no período final da Residência. Foi trazida como referência provocadora as “Vênus” do paleolítico, esculturas em pedra que representam corpos femininos e são associadas ao poder da fertilidade e ao culto de uma Deusa Mãe. O chamado foi para que cada pessoa representasse sua percepção quanto ao aspecto feminino de sua vida, criando uma peça que ancorasse a memória da pulsão interior que se manifestava naquele momento, que era de alta intensidade sensível e cumplicidade entre o grupo. Sinto que as peças reunidas formam uma egrégora do pensamento e da conexão relacional que permeou as conversas, debates, performances, ações poéticas e criações durante o período de convívio na Ecovila.

Fernanda Lenzi e criação coletiva, “Vênus singular”, Ecovila Terra Una, 2019. Conjunto de artefatos em cerâmica sobre terra vermelha, cada peça mede aproximadamente 6 cm.

Um ser selvático-transmutante, misto de curandeira e criadora, é artista visual, antropóloga, pedagoga e terapeuta menstrual. Vem usando esse corpinho lindo que as Deusas deram como um manifesto político-estético-espiritual, criando alquimias que misturam ciência, bruxaria, arte e terapia, promovendo encontros e movimentos de emancipação feminina por meio da valorização do corpo feminino, do sangue menstrual e da prática da ginecologia autônoma e natural.

O Sangue flui entre minhas pernas abrindo o canal de conexão com a imensidão infinita que habita em meu Útero! Meu Útero é um buraco negro, onde habitam mistérios, sonhos, desejos, segredos, anseios, memórias quereres profundos meus, da minha ancestralidade e dessa Terra.

| Janaina Morais



Batismo de Sangue

Escolho nascer na Serra da Mantiqueira, a Serra que Chora. Eu também choro, gozo, jorro, sangro como a Terra. A Terra que é matéria rígida, fixa, porosa, penetrável, o sangue líquido, fluido, viscoso, sai das minhas entranhas e entranha no profundo da Terra. O sangue precisa da Terra e a Terra do sangue.

Eu preciso da Terra e do Sangue. O sangue é um ser divino que se comunica comigo, mas que, por muito tempo, esteve calado. A pílula foi uma areinha a qual eu jogava todos os dias no meu fogo interno. Sem ela, esse fogo tomou conta do meu corpo e me transmutou. Queimei e das cinzas renasci.

Transbordo sangue! Fluxo incontrolável! Não será mais calado, silenciado, apagado, suprimido, jogado no lixo. Ele quer falar e eu sou o canal!

A natureza fala comigo e se comunica. As árvores, as plantas, os animais, as pedras e cachoeiras, querem se expressar, têm tanto a dizer, tanto a ensinar, é só se conectar, deixar sentir e levar! O sangue me guia e por ele deixo-me guiar.

Observando, vivendo, sentindo, respirando, alimentando, escutando, sendo natureza, aprendo a fluir como água, enraizar como árvore, voar como águia, sustentar como pedra, dançar como vento, amaciar como musgo, cair como fruto, transmutar como cobra, fascinar como fogo, amar como bicho, sangrar e parir como fêmea, acariciar como pena, viver como loba, em bando, morrer abraçada pela Terra e renascer como broto de novo e de novo!

O sangue me recorda sempre que sou natureza e como ela morro e renasço a cada ciclo lunar. O sangue é poder, magia, fluxo, arte, natureza, cultura, rito, divino, sagrado, profano, fértil, medicina, cura, tabu, morte, vida, medo, beleza, força!

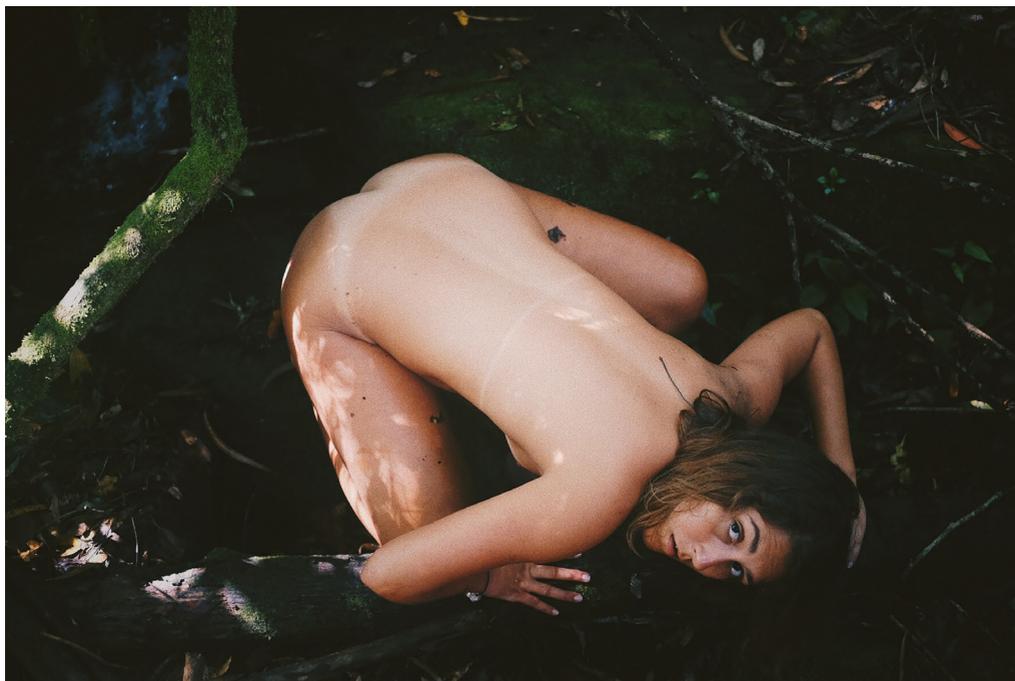
Sangue contém “mana”, energia vital! Aprendo com ele e com a natureza que sou mágica! Que a magia acontece quando rimos, choramos, pensamos, sentimos, e também quando rezamos, xingamos, abençoamos, gratificamos ou reclamamos.

Sangrar é uma dádiva. É dar de volta à Terra tudo de bom ou ruim que recebemos para ser transmutado! O sangue flui, limpa e eu deixo morrer, ir, tudo o que não preciso mais. Me conecto, me entrego ao sentir, ao fluir, à arte, à magia, ao viver, ao permitir expressar e ser tudo que posso e quero, toda a potência divina que habita em mim!

Já não temo morrer! A morte não é o fim!

Jéssica Guia é graduanda em artes visuais pela EBA/UFRI e frequentou a Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Por meio da performance, fotografia e vídeo, investiga o corpo como fragmento, paisagem e projeção do duplo. Uma produção decorrente do conceito de autorretrato e erotismo.

| Jéssica Guia



Segundo a lenda, Narciso se apaixona pela própria imagem como uma penitência. Seu corpo definha enquanto contempla seu próprio reflexo.

A Quebra de Narciso

A câmera havia se tornado uma espécie de espelho, em que eu era ao mesmo tempo objeto de observação e minha própria expectadora. Meu olhar era ambíguo. Via meu corpo como paisagens, relevos, fragmentos, rastros, silhuetas. Após a tomada de consciência sobre a minha relação com a câmera, resolvi voltar minha atenção para o meu corpo. Precisava sair do controle da minha própria imagem. Pedi que outra pessoa me fotografasse. Não nos dirigimos. Éramos dois corpos conscientes de nós mesmos e do outro, habitando o mesmo espaço e tempo. Nossos olhares só se cruzaram uma única vez e foi exatamente no momento do clique. Pela primeira vez eu olho para a câmera e não vejo a mim mesma.

Jessica Kloosterman é designer e artista visual EBA/UFRI. Sua produção investiga o agenciamento das forças entre o meio externo e o corpo, os limites com o outro e as noções entre público/privado. Seus trabalhos partem da linguagem performática, muitas vezes convocam corpos a participarem de proposições coletivas.

| Jessica Kloosterman



**uniraurinainundaunir
uniraurinainundaunir
uniraurinainundaunir**

Xixi Coletivo

A história se agita, é fluxo incessante com poder de estranheza: escorre pela perna, desce para as entranhas da terra, perde-se entre os grãos de areia, até virar maior e mais salgada na água do mar, pode agora ir e vir, molhar todos os pés, virar espuma e a noite ser água densa. Sempre a fim de compreender sua sedimentação e movimentação, pelos momentos de abertura em sua fenda, porque é no que se agita e treme o lugar de encontro do que deve ser visto, indício do que retorna incessantemente, molha nossos pés, salga nosso corpo, suor que investe nossa pele de memórias de outrora. Reminiscência de quando ainda nos agitávamos na água atrás da pele onde ondas eram sentidas pelo caminhar dos passos maternos. Todas as épocas se misturam agora!

Uma das primeiras experiências de controle é segurar a urina.

Durante o café da manhã distribuí convites para os residentes com as seguintes instruções: “Vamos dar as mãos e fazer xixi juntos? Não esquecer de segurar o xixi por duas horas e beber bastante água”.

Juliette Placco é artista e designer-cenógrafa franco-italiana nascida em Roma, Itália 1996. Sua criação foi entre Roma e Luxemburgo, hoje vive em Londres, onde graduou-se em Performance: Prática e Design na Central Saint Martins College, em 2018.

| Juliette Placco



Cuidando do Ovopeito

O propósito por trás de sua prática artística é trazer à sociedade contemporânea o legado suprimido de um feminino místico, uma forma de reivindicação da imagem do corpo da mulher como figura espiritual. O principal objetivo de seu trabalho é usar a arte como ferramenta de cura desses corpos e da sexualidade. Para canalizar a cura, cria novos arquétipos e os apresenta ao público.

Está interessada no uso da cenografia e da performance participativa como meio de envolvimento. Especificamente, o figurino e a cenografia dão vida a essa nova figura mística (Self-Love, Self-Mother, 2018). Também cria figurinos de teatro para envolver a audiência no tema da cura (Cuidando do Ovopeito, 2019).

Sua prática investiga o papel da mulher dentro de diferentes tradições religiosas ancestrais. Através da pesquisa, refina o entendimento dos personagens espirituais femininos, como as deusas. Tal compreensão nutre seu trabalho apaixonado. Pretende pensar uma mitologia feminista pessoal livre do condicionamento patriarcal, pois se preocupa em apoiar mulheres a se conectarem com seu espírito interior e divino.

Além disso, encoraja pessoas de outros gêneros, para além de mulheres cis, na verdade, acredita que, para fazer uma mudança substancial na cura do corpo feminino, é importante que todos possam se envolver nessas performances, independentemente do sexo que se identificam. No futuro, sonha em montar uma companhia de teatro experimental com uma equipe maior de artistas, baseada no tema do divino feminino, e explorando novos meios de participação do público.

Rever é uma ser. Atriz e diretora formada pela Martins Pena e UFRI. Poeta e pesquisadora, formada pela vida. Artista por vocação, humana por encarnação.

Você sabia que o não ser não é o ser menos algo? Mas algo além do ser? Muito esforço para o nada. É o nome reflexivo filosófico da minha obra em eterna construção, o meu ser, rever. Nem sei se de meu eu posso chamar a mim mesma ou aquilo que reconheço por mim. Sei que busco me conhecer, ir além do ego para entender. E talvez agora eu perceba que é muito mais sobre sentir, aceitar e experimentar. Do que de fato entender. Não consigo mesmo entender como posso ser muitas em tantas e ao mesmo tempo ser uma. Como posso ser eu, se eu também sou você. E como o tudo é uma unidade, mas também é matéria dividida em múltiplas unidades. Unidades que se manifestam, como eu, como você. E nesse encontro, podemos ser.

| Rever



Abro espaço para o novo e mergulho no vazio para me encontrar, mas é difícil te falar. O que posso fazer é representar, interpretar ilusionar e através desse meu ego, comunicar. Mas a única verdade é que não existe uma única verdade.

Uma coisa eu aprendi e te compartilho com essa reflexão. Reflexo de justaposição entre o meu eu e a imensidão da criação.

O ego não é uma ilusão.

O ego é a ilusão.

Ferramenta da ilusão, para a evolução.

Desde o princípio da criação.

E é nela que eu me entrego e dissolvo.

Sou canal, espelho.

Observadora.

E é lá que eu me vejo.

Se queres me ver, te convido a olhar.

Tem quem se assuste com meu olhar.

Eu te digo

Meu único poder

É o de espelhar.

Sou pedaço de ti.

Pedaço de luz que reflete e te mostra a ti mesma.

Tal como sol que bate no espelho e cega

Venho só pra te mostrar

A luz que há em você

E depois, com novos olhos

Poderás perceber

O teu ser.

Sou a Rever.

Eterna construção do meu ser.

Rever

Priscilla Menezes é artista, escritora e pesquisadora. Doutora em Artes Visuais pela UERJ com a tese "O feminino mal-dito como abertura ao pensamento poético" - 2018. Autora do livro "Erro tácito" - 2017, Editora Patuá.

| Priscilla Menezes



Montanha

Tenho deixado meus pelos crescerem como nunca até então. Tenho pelos nas pernas, nos sovacos, na virilha e no rosto. Enquanto escrevo, passo os dedos no sentido contrário ao crescimento deles. Ontem, enquanto varria o chão da cozinha, achei uma asa de borboleta, peluda como eu. Os rios estão indóceis e nós estamos todos loucos, tentando aprisionar rios, sementes, bichos, o crescimento de pelos e crianças. Aprendi aqui que, à noite, os bichos saem de suas tocas e que é mesmo melhor dormir cedo ou então perder o medo. Isso ainda não consigo, mas já aprendi a fazer fogueira, salvei a vida de duas minhocas, matei uma aranha, coloquei uma montanha no meu colo e depois me coloquei aos pés de uma parede rochosa onde dancei e fiz amor com a erosão. Sonhei que todos os espelhos de Terra Una haviam desaparecido, menos o meu. Sonhei que praticava atos terroristas com outras mulheres em uma cidade de interior. Sonhei que era possível voltar e ver tudo como antes. Tenho sonhos molhados, com moluscos, mulheres, riachos e torneiras. Acordo em uma cama seca. Não sonhei ainda com você. Meu ovário esquerdo dói. Esfrego óleos no quadril, faço repouso, converso com Janaína que me diz para pensar por que me dói tanto estar fértil. Esses dias, sozinha em uma trilha, escutei um rugido que parecia onça. Paralisei e depois saí correndo. Quanto mais corria, mais ofegante ficava e mais alto escutava o barulho. Quando já não aguentava mais correr, parei e percebi que o rugido de onça vinha da minha respiração. Nas trilhas, as pessoas batem palmas ou pisam bem firme para fazer a terra vibrar. Ninguém diz, mas todos sabemos do encontro que queremos prevenir. Eu te disse que há uma escolha muito evidente a ser feita: ou tudo é temível ou tudo faz parte de um fluxo que alguma grande força desenha e conduz. Mas a verdade é que transito por alguma via intermediária. Tudo me assusta e tudo me transporta. Sozinha, ovulo quieta durante a tarde longa.

Taís Baía é formada em Psicologia/ UFRJ, atualmente pesquisa o corpo como matéria "presença" no embate para: tecer um corpo-poético, um corpo-feminino, através da união dos Campos da Psicanálise e da Performance Arte Viva, com integração nas linguagens da clínica e arte.

| Taís Baía



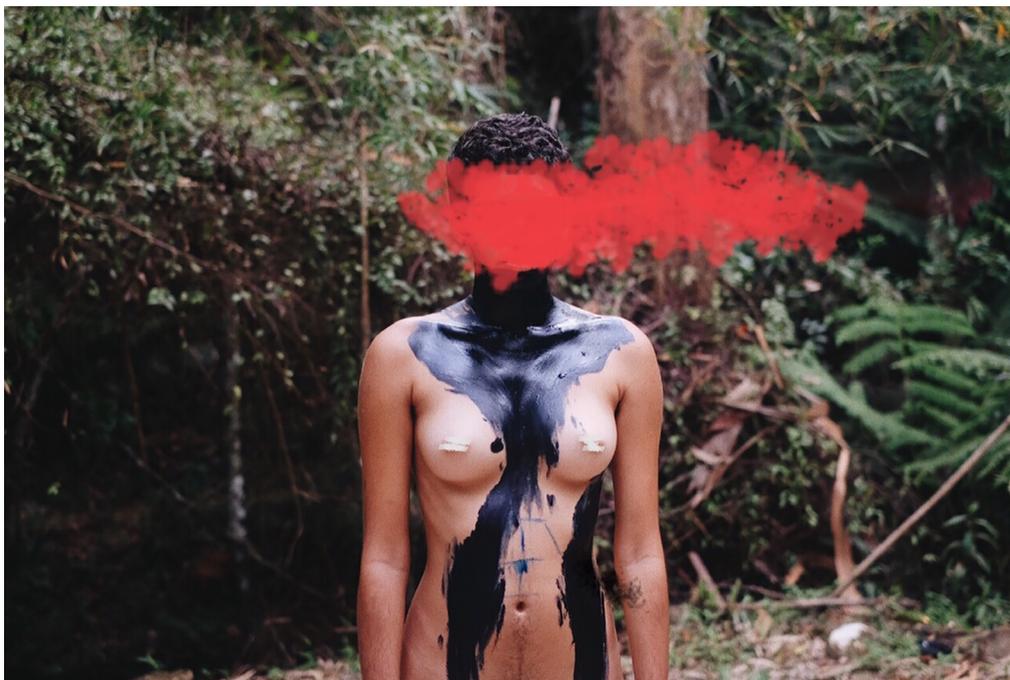
A Mata é o Desconhecido em Mim

Eu cerro os olhos para habitar a vastidão que me é
Investigo a pele virada do avesso
O gosto do escorrer da água gelada em manhã de sol quente por dentro do
epitélio que reveste o interno da boca
O céu do topo daquela montanha, entre o berço de águas virgens e o abismo
de queda, toca o lado alto do palato
Outro céu
Eu ali entre as bocas arreganhadas do existir
O dentro de céu da boca atizado pela corrente fria da água que entra em mim e
deságua no precipício de pedra
Eu ali no elo de um tempo que ao se encontrar já se esvai para o não retorno
Eu ali índia das cem gerações sem certidão do sertão desse país
Eu maga de agitar magias atemporais que estremecem as têmporas
Eu ali sede e fonte
Eu ali me deitei em deleite profano por brincar com coisa séria
Eu ali em testemunho da mais inverossímil verdade de ser mulher
Eu no topo do abismo que me abre as entranhas
Eu ali só, bebi uma água ancestral
Eu nem sabia, mas estava ali na topologia de origem onde a queda é estrutura
Eu ali, alguns poucos viram o emaranhado de fio a enredar o caminho até
embolar meus cabelos
O fio do cordão umbilical nunca antes cortado porque é preciso nascer muitas
vezes até que se parta. O parto não é só de uma vez
Eu no útero inteira a sair por aquele buraco de ventas que o vento na cara
registra a altura
Tamanha da subida
Eu ali

A produção de Thiago investiga e fotografa a interação entre objetos, cenas e corpos (do próprio ou do outro). São trabalhos que partem da ideia de foto performance ao encontro da natureza e da percepção do ser humano. Pensar a performatividade do corpo em seu ambiente natural e em rede.

| Thiago Caetano

Diretrizes do Corpo



Duda las Casas é diretora de TV, cinema e colecionadora de memes e poesia. Estudou no EAV Parque Lage e já expôs vídeos e instalações na Casa França Brasil, Paço Imperial, UnB em Brasília, Espaço do Conhecimento da Praça da Liberdade(BH), Palácio Rio Negro em Petrópolis.

| Duda las Casas

Aranha

O contador de histórias afunda barcos,
finge de morto,
sufoca com plástico
insiste em remar pra baixo
enquanto o biscoito não fica pronto se
conecta com ervas
Som faz a saia girar e desperta
peixes pra viver fora do aquário.
lemanjá
colecciona tubos de ensaio
esconde do terapeuta
talismã
jogo de xadrez
segura a bexiga
pede xixi emprestado
aperta a família na cova
faz pedido secreto
troca o rei pela torre
libera as vontades
Jéssica não consegue atravessar paredes
busca companhia pra ir ao mar
Janaina toma pílula pra curar
ovário policístico
recebe chamada astral
prefere coletor
compartilha menstruação no blog
cria cristais
joga na intuição
sangue de porcelana
leite psicodélico
toca tambor vaporiza útero
na abertura procura intimidade na
parede branca
Nadam diz pra comprar um diário
de materializar os sonhos

a astróloga sente a terra tremer
faz pressão no ouvido
antecede tsunami
na lua Nova toma tombo
pressente tremor forte
desiste de Milão
encara a onça de frente
independente do céu
da faixa nebulosa
é sagitariana e quer amor resolvido
fazer banheirinho indiano
receber presente do universo
roubar moeda de 1 real
voluntária de presídio
faz leitura de áurea
40 detentos na postura do cachorro
os policiais na postura da cobra
nem todo artista é vagabundo
nem todo policial é corrupto
cabo Constantino quer comprar absorvente
faz a guerreira
o momento é de ouvir a formiga
a qualquer hora a gente morre
é preciso estratégia
dar conta de rastejar
na ansiedade não dá pra ser feliz
a curadora quer prazer em baldes
investiga a glândula de Skene
carimba com beterraba
pinça pelo encravado
bico de pato
revolucionaria pelo útero
pra ser comunista tem que descascar abacaxi
ser nômade dona de casa
morar em residência protegida
fermentar hibisco
próstata feminina
papanicolau,
eles querem perseguir feministas
mães parteiras terroristas
tchau Marx
bruxa que é bruxa sabe abrir abóbora
não pega no meu pêndulo
eu preciso saber pra onde ir
como enxugar o mapa
sem sutiã de enchimento
pelada na cachoeira
tenho sede
leio a borra toda
estou gorda quando uma coxa bate na outra
um espírito te empurrou
anda como uma aranha armadeira
mata a criatividade por mim

Oficinas

| Jaya Pravaz

(Buenos Aires, 1974) Artista e terapeuta. Membro fundador e moradora de Ecovila Terra Una. Formada em Yoga pelo Sivananda Ashram, em Grass Valley (Califórnia), em Dança-terapia com a precursora da performance Anna Halprin (Califórnia) e em Recuperação Motora e Terapia através da Dança na Escola Angel Vianna (RJ). Estudou Dança Butoh com Gustavo Collini (discípulo de Kazuo Ohno) na Argentina, Hieroko e Koichi Tamano (discípulos de Hijikata) nos Estados Unidos e danças sagradas em Bali, na Indonésia. Pratica técnicas xamânicas e meditativas desde 1990. Apresentou-se com Poppo Shiraiishi (no La Mamma etc, NY) e Takami (Theatre of Yugen, San Francisco) e também na Argentina, Uruguai, Bali e Brasil.

| Maína Mello

Maína Mello começou a estudar Astrologia aos sete anos, se formou em Jornalismo pela PUC/Rio e hoje é astróloga com vasta experiência profissional. Escreve horóscopos, livros, oferece consultas particulares presenciais e online, cursos, oficinas, reúne grupos em retiros e rituais, produz conteúdo para marcas e ainda vai criar muita coisa com os astros!

| Nadam Guerra

RJ 1977, artista, bacharel em Artes Cênicas e doutor em Artes Visuais. Cria obras em texto, vídeo, objeto, jogo e performance. Se interessa pela conexão entre arte e magia ou em como a imaginação se torna vida. Quer salvar o mundo, mas se não der pelo menos vamos viver isso intensamente. Professor na EAV Parque Lage. Coordena a Residência de Arte na Ecovila Terra UNA. Tem obras em parceria com artistas, como Michel Groisman, Grupo UM e Opavivará! Psicografou o livro “Os 12 passos da Virgem do Alto do Moura” (2014). Publicou o tarô Materializador de Sonhos (2012) e os livros “Rupestre Contemporâneo” (2013) e “Complexiônica” (2001).

www.virgem.nadam.com.br
www.sonho.nadam.com.br
www.nadam.com.br

Processo Vida Arte

O processo Vida Arte, ou “Life-art process”, foi desenvolvido pela performer americana Anna Halprin em parceria com Fritz Perls, criador da terapia Gestalt. É uma metodologia de trabalho terapêutico e artístico focado no poder de cura e transformação da arte que nasce das experiências vitais de cada um. O método foca na escuta e expressão das emoções e histórias guardadas no corpo. Quando expressamos criativa e conscientemente o que nos habita em forma de dança/movimento, som, palavras e desenhos, esta expressão tem um poder de trazer luz a nossas experiências e de abrir o campo para possibilidades de escolhas mais saudáveis e livres. A arte que nasce de nossas histórias e subjetividades tem o poder de curar e transformar nossa realidade e trazer um estado de presença no cotidiano em uma via de mão dupla onde a Vida alimenta a Arte e a Arte traz qualidade de Vida.

É um enorme prazer realizar este processo em Terra Una, onde a natureza e o grupo potencializam as descobertas de nós mesmos e de nossa conexão.

Vida quando é boa é arte. Arte quando é boa é vida.

Astral Magia da Arte

Concluímos a oficina de Astral Magia da Arte com um ritual para o eclipse lunar em Leão, que incorporamos com música, dança e conexões cósmicas no alto da Cristália. Para sintonizar na energia do eclipse leonino, passamos o fim de semana explorando o potencial criativo dos signos, e eu mesma estava em Terra Una trabalhando na edição final do meu agora recém-lançado romance “Efeito Lilith”. Na noite seguinte ao eclipse, rolou uma sincronicidade impressionante de sonhos e manifestações espirituais entre as mulheres da residência artística. Sugerí procurarmos a xamã do sítio vizinho. Serpentes, cujas aparições até então eram raras no local, começaram a cruzar o caminho de todas nós, mulheres e homens. “Isso é bom”, disse Regina, a xamã: “A serpente cura e transforma”. E nos propôs um tratamento coletivo. No caminho para a sauna xamânica, eu seguia na frente do grupo quando avistei dois cavalos brancos, desviei pra cumprimentá-los e uma píton cruzou o meu caminho. Entrei na sauna e troquei de pele.

Oráculo Experimental

Tem coisas que surgem na vida e não sabemos bem de onde vieram. Aprendi tarô quando tinha pouco mais de 10 anos de idade. Minha mãe fazia um curso e dizia que não podia tirar cartas para mim, pois não se joga para familiares. Então com as dicas dela e seu cadernos de anotações eu experimentava. Por um longo período, tirávamos uma carta por dia depois do café da manhã. Oráculo era integrado na vida. Para mim, a ideia de sincronicidade era uma coisa totalmente natural. Todas as coisas que acontecem neste instante participam da natureza neste momento, assim basta olhar atentamente para um recorte do mundo para escutar tudo o que está ocorrendo no universo.

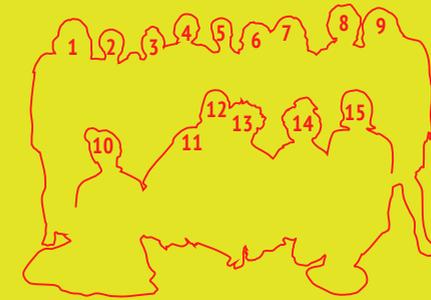
Muitos anos se passaram e um projeto de arte me trouxe de volta o oráculo. Eu recolhia sonhos e os transformava em relevos de cerâmica. Era o Materializador de Sonhos. Com ele, mergulhei nos enigmas dos sonhos e de como me revelavam coisas sobre a minha vida.

Mas como seria isso possível? Existe a possibilidade de fazer uma ponte entre consciente e inconsciente? Poderemos na vida individual e limitada acessar a potencialidade pura de sabedoria? O que é a intuição?

Me questionando assim, me surpreendi ensinando coisas que nem eu mesmo sabia se eram possíveis. Nesta oficina experimental de oráculo, cada um faz seu próprio baralho de cartas e símbolos como uma ferramenta de autoconhecimento.

Residentes

- Jéssica Guia ⁰¹
- Juliette Placco ⁰²
- Priscilla Menezes ⁰³
- Nadam Guerra ⁰⁴
- Jessica Kloosterman ⁰⁵
- Carine Caz ⁰⁶
- Rever ⁰⁷
- Fernanda Lenzi ⁰⁸
- Taís Baía ⁰⁹
- Janaina Morais ¹⁰
- Arielle ¹¹
- Jaya Pravaz ¹²
- Anderson Barreto ¹³
- Alice Ferraro ¹⁴
- Paula Borghi ¹⁵



“Vivemos as tensões de salvar o mundo e conhecer a si mesmo, acreditar no invisível e trabalhar na concretude da terra e ainda ter tempo de ser feliz. Foi assim a primeira temporada da Residência Coletiva Arte e Magia em Terra UNA. Além da convivência comunitária da Ecovila e do embate com o mundo natural da mata, dos rios e da terra, essa temporada teve o gosto especial da arte-magia, êxtase-criativo, desejo-percepção.

E foi tão mágico! E foi tão arte!”

Nadam Guerra



A Ecovila TERRA UNA está localizada junto à natureza, numa terra de 48 hectares dentro da APA da Serra da Mantiqueira, município de Liberdade, Minas Gerais. Buscando integrar moradia, trabalho, educação e lazer, a Ecovila vem se consolidando como um centro educacional transdisciplinar de integração rural-urbana, onde podemos praticar as técnicas e valores que permeiam nossa visão, difundindo assim um modelo de vida mais sustentável.

Atuando na pesquisa, demonstração e treinamento de tecnologias ambientais que priorizem a restauração e conservação da natureza, Terra Una utiliza-se da permacultura, da bioconstrução e das diversas técnicas de agroecologia para o design e manutenção desse espaço.

Além das casas dos moradores, sua estrutura já engloba um salão de vivências, um galpão para atividades práticas, dormitórios, camping, cozinha e refeitório comunitários, hortas, viveiro de mudas, plantios de média escala e sistemas agroflorestais, além das belezas naturais das montanhas, florestas, rios e cachoeiras.

A Ecovila recebe pessoas interessadas em participar de suas atividades, durante os **EVENTOS PROGRAMADOS** ou fora deles, desde que agendado previamente. A Ecovila recebe pessoas interessadas para cursos e eventos e na Residência Artística. Para aqueles que desejam vir trabalhar e praticar a vivência comunitária, oferecemos um Coworking aberto à todas as áreas e um Programa de Voluntariado.